

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Washington Marques da Silva

**A LINGUAGEM COMO FORMA DE SEGREGAÇÃO SOCIAL.
UMA LEITURA DA “ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS” DE PIERRE BOURDIEU**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia da Graça Arribas .

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Washington Marques da Silva**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201573122, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A LINGUAGEM COMO FORMA DE SEGREGAÇÃO SOCIAL. Uma leitura da 'Economia das trocas simbólicas' de Pierre Bourdieu**, desenvolvido durante o período de 15/03/2019 a 28/06/2019 sob a orientação da Prof.ª Dr.ª CÉLIA DA GRAÇA ARRIBAS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

WASHINGTON MARQUES DA SILVA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC

A LINGUAGEM COMO FORMA DE SEGREGAÇÃO SOCIAL. UMA LEITURA DA 'ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS' DE PIERRE BOURDIEU

Washington Marques da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar a linguagem como objeto interacionista das relações sociais que tacitamente agencia e articula o modo operante das classes sociais. Assim, pretende compreender, a partir dos conceitos de Pierre Bourdieu, como se dividem as classes sociais e o papel fundamental empregado pela linguagem neste tipo de conformação que leva à segregação. A pesquisa busca mapear o produto linguístico realizando de forma bem generalizada a morfologia de alguns dispositivos da comunicação que fazem parte deste diálogo entre indivíduo e sociedade. Além disso, analisa a língua sob o espectro de ascensão a termo de língua legítima que resulta em todo um arquétipo social das relações. Evidencia as relações de dominação realizadas através das estruturas, aplicando nos indivíduos, as suas máximas, que acabam por definir os seus espaços e as suas posições dentro de uma sociedade, através dos diferentes capitais, definindo sua classe social. Por fim, busca demonstrar como as relações de poder tramitam de uma estrutura a outra e de que forma essas implicações estabelecem os padrões do ser social de cada indivíduo, ou seja, a estrutura estruturando as ações.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem – Classes Sociais – Segregação Social – Estruturas Sociais.

ABSTRACT

The referring work aims to present language as an interactions object of social relations, which tacitly articulates and articulates the operant mode of social classes. Thus, he intends to understand from some concepts of Pierre Bourdieu, how social classes are divided and the fundamental role used by language in this type of conformation that leads to segregation. The research seeks to map the linguistic product performing in a much generalized way the morphology of some communication devices that are part of this dialogue between individual and society. In addition, it analyzes language under the term-matched spectrum of legitimate language that results in a whole social archetype of relationships. It shows the relations of domination carried out through the structures, applying to individuals, their maxims, which end up defining their spaces and their positions within a society, through the different capitals, defining their social class. Finally, to show how power relations proceed from one structure to another and in what way these implications establish the patterns of each individual's social being, that is, by structuring actions.

KEY WORDS: Language – Social Classes – Social Segregation – Social Structures.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa como tema a linguagem como forma de segregação social, mostrando as classes sociais sob a ótica da produção linguística, que demonstra através dos seus dispositivos a forma com a qual ela classifica os indivíduos. A partir desta leitura, é possível perceber em que tese está apoiada parte da estratificação social que não permite uma balança favorável equilibrada entre os agentes sociais, nem tampouco a existência de apenas uma única classe. De fato, a linguagem pode explicar vários contextos da vida social, mas aqui vamos nos ater no recorte às classes sociais, onde através delas podemos observar respectivamente a forma de construção de seus capitais cultural, econômico e social.

A História como uma ciência que resgata o passado para traduzir o presente sempre nos conta que desde quando se instaurou o capitalismo – na época das grandes navegações – as sociedades se viam na disputa pelo poder e melhores posições, e, apesar de toda uma evolução tecnológica, nas sociedades modernas esta disputa parece não ter fim, ao contrário, as cisões só aumentam. As distinções de classe são marco histórico e dividem os indivíduos quanto à sua posição social, bem como o seu

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: shitonangelus@hotmail.com
Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Célia da Graça Arribas.

poder aquisitivo. Apesar da naturalização que o capitalismo condiciona essas relações, algo além explicaria a manutenção dessas classes, nesta conjuntura onde somente uma das partes é beneficiada.

A partir da tese segundo a qual a linguagem é um dos artifícios de dominação e segregação, a pergunta que se faz é a seguinte: até que ponto a linguagem se torna elementar para a produção e a manutenção de uma sociedade de classes?

1.1 METODOLOGIA

Neste contexto, a proposta deste trabalho pretende demonstrar a partir de conceitos de Pierre Bourdieu – habitus e campo – como essas divisões de classes são construídas por alguns dispositivos da linguagem, e principalmente, de que forma esses dispositivos se mantêm estruturando todos os indivíduos que vivem em sociedade – utilizando a produção e reprodução, conceitos marxistas, apropriados algumas vezes pelo próprio Bourdieu - para explicar as formas miméticas de convivência no eixo social. A obra que fundamenta teoricamente essa pesquisa trata-se de “A Economia das trocas linguísticas”. Bourdieu sugere a linguística como um norteador das bases de pensamento sob uma abordagem totalmente sociológica, e se debruça sobre grandes fontes, tais como o linguista Ferdinand de Saussure, o filósofo Mikhail Bakhtin e o linguista Noam Chomsky, este último reconhecido no meio acadêmico por ser um difusor da linguística moderna.

1.2 OBJETIVO

Objetivo central dessa pesquisa é basicamente compreender o fenômeno histórico da hierarquização nas divisões de classes através dos reflexos desencadeados pelo poder da linguagem, o que alimenta e torna efetivo nos espaços sociais, a fragmentação pela fundamentação ideológica, religiosa, e política, e que acaba por legitimar o uso de ferramentas para que haja a segregação social.

Assim, ele visa analisar, através de todo um processo de apreciação à obra, a forma com a qual a linguagem protagoniza, e de certa forma conduz o modo de atuação nos diferentes campos, onde estão presentes seus agentes.

No campo científico é importante a produção deste tipo de pesquisa, pois ela promove uma clareza de como são distribuídos os papéis sociais e quais são as suas resultantes, e mais ainda, aponta para quem ela traz benefícios e malefícios, possibilitando formas diversas de mapeamento e como consequência uma intervenção por parte das ciências humanas e sociais na busca pelo equilíbrio social. No campo social é importante destacar que existirá um novo olhar sobre as questões de distinção de classes, das disparidades políticas e educacionais que ferem os direitos constitucionais e que garantem acessos igualitários a todos.

2. CONCEITO DE HABITUS, CAMPO E CLASSE SOCIAL POR BOURDIEU²

Bourdieu emprega na sociologia conceitos que visam avaliar a forma com as quais as sociedades operam nas suas atividades e a sua aplicação nas relações, principalmente econômicas. Estes conceitos norteiam vários pressupostos sociológicos e de certa forma até identificam a que se referem este ou aquele ser social, bem como o tipo de campo ao qual ele está ligado.

O habitus, na concepção de Bourdieu, é um modo de entender o mundo ao seu redor a partir de disposições socialmente construídas e inculcadas. Pois ele concebe que as estruturas sociais (estado, igreja, polícia) estruturam o indivíduo, que acaba estruturando estas estruturas em si mesmo. Neste processo é possível perceber a relação entre sociedade e indivíduo, ou seja, o habitus como internalização dessas estruturas ao mesmo tempo que externalização delas a partir da ação. Existem três maneiras de se compreender o habitus: fenomenológica, objetivista e praxiológica.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dYMYGaRL5SU>

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VX34Dok2apo>

-Fenomenológica: As coisas acontecem porque tem que acontecer, a minha experiência de mundo é o que importa, não existe uma consciência de causa e efeito.

-Objetivista: Inicia-se então certa compreensão das relações de causa e efeito pelo indivíduo.

-Praxiológica: É nesta fase que estão expressas as estruturas de pensamento, algo que passa pelo objetivismo, compreende que as estruturas estão ligadas umas às outras e isso tem relação direta com o indivíduo, ou seja, a consciência prática.

O conceito de campo está intimamente ligado à ideia de espaço social, e é exatamente dentro desses espaços que ocorrem as relações de poder. Desta forma, os indivíduos (agentes sociais) ocupam posições dentro dos campos sociais de acordo com seus capitais, agindo seja para a conservação, seja para a modificação das regras em jogo nos campos. Embora influenciado pelas leituras de Marx, Bourdieu se distingue do olhar marxista em relação às classes, pois não limita sua análise somente ao campo econômico. Nosso autor informa que as classes sociais são produtos da distribuição desigual dos diversos tipos de capitais que circulam nos diferentes campos sociais.

3. LINGUAGEM E SEU CONCEITO DE SEGREGAÇÃO NA SOCIEDADE

A linguagem, embora seja um termo derivado de inúmeros conceitos e propicie um alargamento de seus pressupostos, traz consigo um grande cerceamento a respeito da comunicação social, pois é fadado ao agente social observar onde está posto o seu ato de fala. Não se fala qualquer coisa em qualquer lugar. As estruturas mantêm uma relação de força sobre o indivíduo, sendo assim:

Todo ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do *habitus* linguístico, que implicam certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (interesse expressivo), definida ao mesmo tempo como capacidade linguística de engedramento infinito de discursos gramaticalmente conformes e como capacidade social que permite utilizar adequadamente essa competência numa situação determinada; do outro, as estruturas do mercado linguístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas. (Bourdieu, 2008, p.24)

Neste caso, a linguagem deve ser compreendida por todos os elementos participativos, não restringindo a sua compreensão a apenas um dos lados.

4. PRODUTOS LINGUÍSTICOS E SEUS DISPOSITIVOS SOCIAIS

Os produtos linguísticos expressados em Bourdieu são esquemas de comunicação que envolvem um locutor, um receptor e, entre eles, uma mensagem a ser decifrada. Vamos pensar nas sociedades modernas, principalmente nelas observamos ambivalências na veiculação das informações prestadas. Muitas vezes, não há clara compreensão dos receptores por parte de certos locutores, logo não há conclusão da produção linguística uma vez que ela não foi decifrada. Existe também a possibilidade de uma compreensão distanciada daquela que foi realmente proposta pelo locutor, de acordo com os níveis de apreensão do receptor.

A partir disso, o mercado contribui para a aquisição de discursos orientados e empregados de valor simbólico, que muito têm de expressivos para algumas bases, em contraproposta, entende que as classes sociais absorvem as informações distintivamente. Esses desvios em relação à norma linguística existem para um ser-percebido em relação aos perceptores equivalentes, com maneiras de decodificar dizeres e modos de falar diferentes. Desta forma, somente vai existir simetria nas classes sociais quando os envolvidos forem agentes dotados dos esquemas de percepção e apreciação do conjunto das diferenças sistemáticas e de um sincretismo apreendido, comparados os seus esquemas de dicção de uma classe social, sexual ou de geração em detrimento de outra classe.

4.1 APLICAÇÕES DE ALGUNS DISPOSITIVOS DE LINGUAGEM NA SOCIEDADE

Toda e qualquer forma de comunicação aprova e extrai da linguagem as mais diferentes formas de ampliação e adaptação dos diferentes discursos, sejam eles classistas ou não. Bourdieu nos aproxima deste tipo de experiência ao analisar alguns destes dispositivos linguísticos, ao dizer que o paradoxo do processo comunicativo supõe um meio comum, ou seja, a comunicação para ser efetiva tem que haver experiência entre os envolvidos (Bourdieu, 2018, p.25). As palavras com seus diversos sentidos se ligam ao núcleo invariável e aos logismos específicos dos diferentes mercados, neste caso as diferentes classes. Algumas instituições que têm o seu papel religioso, político e/ou ideológico no espaço social, fazem a utilização de interessantes dispositivos da linguagem, a exemplo temos: *a polissemia da linguagem religiosa ou não, o consenso linguístico e a lógica da automatização*.

A polissemia da linguagem abordada por Bourdieu encontra-se no contexto religioso, onde ocorre a unificação das diferentes classes sociais. A polissemia é que gera a multiplicidade de sentidos de uma palavra, assim à custa das reinterpretações, realizadas por locutores presentes em diferentes posições no espaço social com interesses e intenções distintas, uma mútua participação –, ela fala a todas as classes e todas as classes a podem falar.

Já no consenso linguístico identifica a linguagem neutra, utilizada sempre para estabelecer um consenso prático entre agentes com interesse parcial ou totalmente diferentes. Uma comunicação dirigida às classes é sempre conflitante.

Não chega a ser uma definição estabelecida, porém abordada de forma bem atenuada pelo autor e que acaba por ser coerente neste cenário, é a lógica dos automatismos verbais; esses dispositivos, colocam palavras de valor e preconceitos ao uso comum, retirando perigo permanente de uma gafe; a exemplo temos: a pessoa vinda do campo, ser chamada de camponês, um idoso, ser chamado de velho, a garota de programa, ser chamada de prostituta e assim por diante. A sociologia nos propõe a reflexões na aplicação destes dispositivos algo inerente à linguística, que está atrelado na linguagem pela simbologia.

[...] para compreender inteiramente a eficácia simbólica das linguagens políticas ou religiosas seria preciso reduzi-la ao efeito dos mal-entendidos que levam indivíduos opostos em tudo a se reconhecerem na mesma mensagem. [...] deixando de ser apenas conversas de dominantes ou de dominados no seio de um campo específico para se tomarem conversas válidas para todos os dominantes ou para todos os dominados.(Bourdieu, 2008, p.27)

Ao elucidar as questões de uso sobre os dispositivos linguísticos, Bourdieu nos remete a uma reflexão, que a ciência social deva dar conta, e não esquecer que a língua é autônoma, possui uma lógica específica e suas regras próprias de funcionamento. Nestes termos aponta a linguagem com capacidades geradoras ilimitadas, mil vezes atestada, e que não se pode em especial compreender os efeitos simbólicos da linguagem. Sendo assim as religiões e a política se aproveitaram do fato de que as capacidades geradoras da língua podem se exceder intuitiva e empiricamente, produzindo discursos formalmente corretos, porém semanticamente vazios. (Bourdieu, 2008, p.28).

5. LÍNGUA

Um dos instrumentos revolucionários de mudança histórica e política em diferentes sociedades mundo afora, e com características marcantes de domínio e controle dos diferentes capitais, apontam a língua como um definidor classificatório de ações e posições sociais de um indivíduo na sociedade. Em Bourdieu, através da definição de Saussure, a língua é traduzida como um *código* atrelado a um conjunto de normas regentes dentro das práticas linguísticas, que estabelecem organicamente a produção de sons e sentidos, vista sob a ótica de código legislativo e comunicativo que existe e subsiste independente de quem faça a sua utilização e seu uso. Ainda seguindo a linha de raciocínio saussuriana, a língua, ao contrário do dialeto, se promoveu sob as condições institucionais necessárias à sua codificação e à sua imposição, assim com reconhecimento tamanho se muniu de autoridade política e se disseminou entre os membros da sociedade tradicional (políticos, estudiosos), resultando em grupo de pessoas que utilizam o mesmo sistema linguístico – o básico para estar à frente na produção econômica e da dominação simbólica. A língua possui um dinamismo que não conhece limites naturais.

A língua se torna oficial a partir do momento em que ela se constrói juntamente ao Estado, corporificando seu uso, e suas práticas em todas as atividades elementares onde aprover conjuntura política. Assim, é nesta fase de constituição que o Estado abre espaços para que se instaure um mercado linguístico unificado e dominado pela oficialidade da língua. Saussure diz ainda que:

[...] esta língua de Estado toma-se a norma teórica pela qual todas as práticas linguísticas são objetivamente medidas. Ninguém pode ignorar a lei linguística que dispõe de seu corpo de juristas (gramáticos) e de seus agentes de imposição e de controle (os professores), investidos do poder de submeter *universalmente* ao exame e à sanção jurídica do título escolar o desempenho linguístico dos sujeitos falantes. (Bourdieu, 2008, p.32)

A partir daí surge o postulado da língua padrão – produto normatizado – que certifica a importância daqueles que empregam no seu cotidiano a língua licenciada pelo Estado. Fora desta normativa as “línguas” existem apenas em estado prático sob a forma de *habitus linguísticos*, conceito bourdieusiano já apresentado no início deste trabalho, que justamente responde a esta ideia das ações socialmente construídas pelas práticas de absorção do meio. Ao passo que a língua padrão se dissemina e se estabelece nas classes mais altas, contudo, os usos populares e de tradições orais de todos os dialetos regionais são classificados como inferiores, chamados de *patoá*, que exprime o abandono da forma escrita e na falta de identidade no emprego da pronúncia, resultado da desvalorização social que sempre fora imputada.

5.1 OS IMPACTOS DA LINGUA EM UMA SOCIEDADE DE CLASSES, CONCEITO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DE MARX VERIFICADO EM BOURDIEU.

A língua gera efeitos de dominação bem marcantes, tanto que se fazem presentes nas sociedades dos dias atuais. São meios de produção e reprodução de um monopólio político e classista que opera estrategicamente nos campos sociais, direcionado para ascendência de um pequeno grupo e a descendência de outros. Os indivíduos em melhores posições nos espaços sociais fazem parte da burguesia, justamente pelo domínio que passam a ter da língua padrão que com o passar do tempo ganha status de legitimação. Esse recorte é evidenciado por Bourdieu em suas pesquisas realizadas na França após a revolução. Tais modelos sociais franceses foram perpetuados por outras unidades políticas, onde a língua legítima foi utilizada politicamente a fim de sufocar os idiomas ou dialetos e provocar uma abstração sobre aqueles que não a detivessem, culminando assim no controle burguês. Há nesta relação uma disputa pelo poder simbólico, o fato de haver uma reestruturação da língua e consequentemente das estruturas mentais se deve à propagação de um novo discurso de autoridade, com seu novo vocabulário político e cheio de novos dispositivos, veiculando através destes todo um cenário de mundo social.

Portanto, toda essa reformulação estava intimamente ligada aos interesses da classe dominante, e se colocava indizível nos falares locais onde circulassem interesses específicos dos grupos de produção camponesa. (Bourdieu, 2008, p.34)

A permanência da língua legítima ao longo do tempo se deve às formas de distinção e correção aplicadas através de uma hierarquização e do controle atrelados ao capital cultural de cada indivíduo, que se apresenta noutra forma de produção e reprodução da língua, com base na gramática que é a responsável pela fixação e codificação do uso legítimo., Assim a língua oficial cresce e se constrói juntamente com o Estado. É pela sistematização do processo escolar que a língua legítima ganha meios de se multiplicar por dispor de uma autoridade e organizar a partir dela ações de maior penetração e de forma duradoura dos novos usos eruditos, continuamente essa propagação tem por apoio a escola e família.

Bourdieu faz menção à teoria da linguagem de Whorf em comparação a filosofia de Durkheim do consenso onde fala da transição da palavra “código” que sai do direito em direção à linguística justamente trazendo a ideia de língua regida com força de lei no e pelo sistema de ensino, em oposição à língua falada. (Bourdieu, 2008, p.35) Este sistema de ensino se amplia e recebe maior intensidade ao longo do século XIX produzindo maior opressão sobre os modos de expressões populares, rebaixando os dialetos e colocando em prática os novos usos linguísticos. Com isso há o surgimento de um novo cenário excludente e de caráter segregador das classes sociais que reuniu a

relação escola e mercado de trabalho, se tornando instrumentos da dominação explícita entre as estruturas:

[...], ou melhor, entre a unificação do mercado escolar (e linguístico), vinculada à instituição de diplomas escolares dotados de um valor nacional e independente (ao menos oficialmente) das propriedades sociais ou regionais de seus portadores, e a unificação do mercado de trabalho (entre outras razões, com o desenvolvimento da administração e do corpo de funcionários). (Bourdieu, 2008, p.36)

O principal objetivo é mostrar que os melhores acessos no mercado de trabalho se dão através do mercado escolar, assim sendo a única ou a principal via de acesso a cargos administrativos cobiçados, demonstrando com isso uma relação de domínio da língua legítima sobre os dialetos e seus usos populares. Em outras palavras, operam-se nas sociedades as divisões das classes sociais – estratificação – e com elas as relações de forças das estruturas e superestruturas. Pierre Bourdieu aponta em suas pesquisas que essas aplicações ganharam força e alguns pontos geográficos da França.

A língua detém um poder coercitivo de tamanha abrangência sobre as diferentes classes. Os caminhos percorridos por ela tanto pelo viés político quanto pelo mercado escolar abriram cisões para um novo conceito de linguagem e com isso mais uma forma de classificação sobre os indivíduos que é o valor social aplicado à língua. As relações que cada classe social possui com a língua oficial identificam as diferentes formas de uso se comparados ao que confere seus parâmetros teóricos. Tudo o que se distancia do real concebido pela legitimação é definido como regionalismos (expressões viciosas e dos erros de pronúncia) e que são corrigidas por mestres e professores detentores da gramática, desvalorizados os usos populares pela língua oficial. A sociologia começa a processar as diversas oposições linguísticas que nada tem a ver com as oposições linguísticas identificadas pelos linguistas, assim:

[...] as diferenças surgidas por conta do confronto entre falares não se reduzem às construídas pelo linguista em função de seu próprio critério de pertinência. Por maior que seja a parcela de funcionamento da língua infensa à variação, existe, tanto no plano da pronúncia, como no do léxico e mesmo da gramática, todo um conjunto de diferenças significativamente associadas a diferenças sociais. (Bourdieu, 2008, p.41)

Em Saussure, Bourdieu aponta a sociologia estrutural da língua que vai analisar o contraponto dessas relações. Atrelado a isso temos os usos sociais da língua que demonstram a capacidade de flexibilização do ser social nos diferentes sistemas (*campos*) de atuação dos espaços sociais, mediante as hierarquias hierarquizantes, classificadas classificantes de apropriação da fala de um ou outro dos mais variados estilos expressivos. São os estilos de uso da língua e o campo de atuação dos falantes que diferenciam as classes sociais através do que chamam de classes de indícios estilísticos.

Devemos sempre considerar que não basta apenas ter a prática da língua comum e fazer dos usos sociais experiências periféricas que isso implicará em algum tipo de ascensão na posição social. O fato é que a exclusão social atinge o indivíduo que não é munido de competência legítima, não tem reconhecimento legal na sociedade para proferir qualquer que seja a sua opinião, fadados à invisibilidade nos universos sociais onde ela é exigida, ou então, condenados ao silêncio. Não há dificuldades na reprodução da fala, justamente por se tratar de uma capacidade natural, universal, e comum a todos, mas a capacidade para falar a língua legítima vai depender do seu patrimônio social que é chave da distinção de um indivíduo e outro. (Bourdieu, 2008, p.42) Assim, podemos considerar que o capital linguístico dispõe de um espaço social com sujeitos sociais em pontos de partida diferentes para uma corrida, onde o lucro que se encontra na linha de chegada não será obviamente semelhante para todos. Conclui-se que o lucro tem destino certo na estrutura social, a classe com maior qualificação linguística, pois detém melhores oportunidades de acesso, em função da posição ocupada na estrutura social (Bourdieu, 2008, p.43).

6. ESTRUTURAS SOCIAIS E AS RELAÇÕES DE PODER

A linguagem nos concede diferentes aspectos de aplicação em relação aos seus campos e formas de atuação. É através das análises bourdieusianas que descobrimos que os discursos que

provêm das diversas expressões de linguagem não requerem ser apenas compreendidos, decifrados, a verdade é que eles assumem papéis de poder com significados de riqueza, pretendidos a serem apreciados e avaliados possuindo valor de autoridade a serem acreditados e obedecidos. Em resumo, são definidos a partir das competências linguísticas dos locutores, do mercado o qual depositarão os seus discursos e como serão socialmente classificados. Contudo, acabam por estabelecer a lei da formação de preços que existirá na troca entre os envolvidos.

O mais importante é destacar que essas máximas ocorrem através da sobreposição de dois ou mais atos de linguagem e, neste sentido, quando falamos das estruturas sociais e as relações de poder, são praticamente impossíveis dissociar as relações que envolvem as classes sociais, pois é dentro do jogo de classes que podemos visualizar como a dinâmica do capital, mercado e preços é abordada por Bourdieu. As formas de interação dentro da estrutura social identificam relações de força entre classes que se encontram confrontadas:

É isso justamente que a descrição interacionista ignora ao tratar a interação como um império no interior de um império, esquecendo que o que se passa entre duas pessoas, entre uma patroa e sua empregada, ou então, numa situação colonial, entre um falante de francês e outro de árabe, ou ainda, numa situação pós-colonial, entre dois membros da antiga nação colonizada, uma falando francês e o outro, árabe, deve sua forma particular à relação objetiva entre as línguas ou entre os usos correspondentes [...]. (Bourdieu, 2008, p.54)

Portanto, a dominação vai influenciar diretamente nos campos de ação realizada pelos indivíduos, quanto mais oficial for o mercado, mais conforme dos padrões de uso da língua legítima este estará submetido. Assim, temos um mercado nas mãos da classe dominante que a assegura autoridade pelo domínio que possui da língua legítima. Agindo sobre essas relações, temos as estruturais sociais que colaboram com essa a dialética – indivíduo e sociedade – estruturando práticas e ideologias conforme as competências de cada ator social envolvido. Essas competências são objetos comuns de linguagem divididas em competência linguística e competência legítima.

As competências linguísticas apontam uma capacidade técnica com ações de efeito de atribuição estatutária, enquanto a competência legítima é a capacidade de falar com autoridade, em situações oficiais, uma língua autorizada e digna de crédito, com eficiências no ato performativo e no convencimento. Estes manejos vêm acompanhados da orquestração do discurso legítimo que são as propriedades não linguísticas: a empostação da voz, títulos nobiliárquicos ou escolares, os vestuários, em especial os uniformes e as vestimentas oficiais, os atributos institucionais, entre outros, que dignificam uma posição vertiginosa do locutor legítimo que estruturam assim a interação através da estrutura do espaço.

6.1 O HABITUS LINGUÍSTICO E A HÉXIS CORPORAL

O habitus traduz toda expressão do indivíduo e as suas relações socialmente constitutivas, exatamente porque ele é essa ponte entre o individual e o coletivo. O habitus linguístico configura o modo operacional que cada classe social transmite, estruturando o indivíduo. Por conseguinte, os seus produtos que serão ofertados ao mercado. Ele diz muito sobre os variados comportamentos apresentados nos diferentes campos sociais, pois contemplam os processos de assimilação e apreciação da experiência linguística resultando na sua composição, que cabe dizer não ser definitiva - originando o habitus de classe que expressa de fato a posição ocupada sincrônica e diacronicamente nesta relação de poder. (Bourdieu, 2008, p.71)

As estruturas podem apresentar choques de realidade pela composição das classes sociais distintas derivando em variabilidade de produtos discursivos. Bourdieu faz uma análise comparativa entre três níveis da estrutura social: a classe dos populares, pequeno-burgueses e os burgueses (dominantes) onde ele explicita as dificuldades que o grupo intermediário da estrutura enfrenta para alcançar o status de classe dominante, isso porque quanta maior o distanciamento das práticas da língua legítima, maiores são os enfrentamentos para se adquirir a dominação.

Produto do habitus e modeladora da linguagem das ações, a héxis corporal, conceito apresentado por Bourdieu, nos aponta o corpo como forma expoente da linguagem e ao mesmo tempo esboça o subjetivismo implantado desses corpos nas classes sociais.

A linguagem é uma técnica do corpo, e a competência propriamente linguística, especialmente a fonológica, constitui uma dimensão da héxis corporal onde se exprimem toda a relação do mundo social e toda a relação socialmente instruída com o mundo. (Bourdieu, 2008, p.74)

Nas classes dominantes o corpo é quem configura o vigor, o complemento das práticas requintadas, dos mercados oficiais. Traz consigo a prática performática da dominação simbólica, a maneira de estar acima de todos, status de superioridade. Já nas classes populares, o corpo provoca liberdade, uma ligação próxima ao estado de natureza, uma negação aos estágios apresentados pelos dominantes de estilização e formalização, uma busca pela virilidade principalmente por parte dos locutores masculinos que associam a imposição da língua legítima às maneiras de falar mais requintadas, modos para usar a boca e a garganta ao falarem.

6.2 A LINGUAGEM AUTORIZADA

No campo social são evidenciadas as relações de força onde os agentes sociais ocupam estatisticamente suas posições, como já verificamos, dependendo de onde se localizam na estrutura social. Quando falamos de poder, suscitamos na memória aqueles que estão no topo da estrutura, que direcionam e determinam de certa forma o valor atribuído ao discurso, e a evocação dada a certas palavras, bem como a sua função objetiva. Neste sentido, a maneira como a matéria do discurso a ser proferido depende da posição social que o locutor ocupa na estrutura, por assumir o comando dos variados acessos que a língua concebe pela instituição, à palavra ortodoxa, oficial, legítima.

As instituições são representações categóricas da linguagem autorizada, comunicam com o meio social através do seu porta-voz. Por ele são feitas as enunciações que estão instrumentalizadas em discurso que não carrega título pessoal, sendo este apenas o seu portador. O porta-voz autorizado consegue com suas palavras agir sobre outros agentes sociais, por meio do seu trabalho a partir do capital simbólico acumulado e assim obtendo o reconhecimento daqueles que fazem parte do mesmo campo social. Logo, é necessário que o locutor seja capacitado, com uma função social, ou seja, uma pessoa com espírito evocativo e que consiga exercer autoridade. Não possuindo esses elementos os discursos estão condenados ao fracasso. A linguagem autorizada acaba por ser utilizada em cenários de coerção social onde é necessária a transmissão em massa de um fato ou de uma informação; as palavras devem ser instituídas com poder e autenticidade de quem as profere. Não é de domínio público, pois se destina apenas àqueles que são autorizados, e muito importantes, apenas neste cenário, a língua legítima não é o limiar que faz a separação e a divisão das classes. Neste caso, operam-se os mecanismos sociais, traduzindo os próprios agentes que realizam as ações no espaço social, fundados pelo desconhecimento, que por sua vez resume o princípio de toda e qualquer autoridade.

7. CONCLUSÃO

Até que ponto a linguagem se torna elementar para a produção e manutenção de uma sociedade de classes?

Iniciei esse trabalho falando sobre a linguagem e os dispositivos de interação por ela utilizados, atuantes nos espaços sociais como ferramentas de segregação e divisão de classe. Ao longo deste trabalho foi possível verificar de que forma a linguagem age com extrema coerção sobre os indivíduos, e que, em uma sociedade de classes, os determinismos são realizados por parte da classe dominante. Vimos ainda o processo de transição da língua à língua legítima e os papéis políticos e educacionais que foram aplicados pelo Estado para a perpetuação desta forma de dominação, assim sendo conservando o monopólio e fazendo girar o capital do produto normatizado. Foram citados modelos franceses pesquisados por Bourdieu na análise do conceito de produção e reprodução da língua legítima em detrimento da pressão realizada sobre os idiomas e dialetos a fim de fazê-los desaparecer. O poder realizado pelas estruturas (*instituições*) que acabam por estruturar os modos e as ações do

indivíduo, complementado com a héxis corporal – linguagem subjetiva representada no corpo e aprimorada no espaço social e pelo capital cultural do indivíduo. Por fim, a linguagem autorizada que reafirma o poder das palavras sob a figura do porta-voz que agencia a língua legítima pelo viés de seus discursos, sendo assim conseguem que os agentes do mesmo campo social sejam, coercitivamente, orientados pelo poder do capital simbólico a agir conforme a estruturação prévia.

Sobre todas as menções citadas acima, a língua não se alicerçou como produto de manutenção para que as classes sociais estivessem divididas exatamente como são atualmente. A manutenção do poder pelo conhecimento é a chave para todo e qualquer desigualdade, sendo assim, tornar divisível o bem comum nunca fez parte dos desejos das classes sociais mais altas, também verificadas por classes dominantes. Desta forma, foi preciso nivelar por baixo qualquer indício que elucidasse uma igualdade entre os indivíduos, e neste caso a linguagem se apresentou como ferramenta para remontar através do habitus todos os caminhos possíveis para um abismo social, cultural e político. Em resumo, distinguir as classes sempre foi lucrativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*; prefácio Sérgio Miceli. – 2.ed, 1ª reimpressão. Ed. São Paulo: Edusp, 2008.